

REVISTA REALIDADE: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO JORNALISMO DURANTE A DÉCADA DE 1960

QUAGGIO, Gabrielly Ryandra Bertolini¹
PRADO, Gustavo dos Santos²

RESUMO: A visão sobre a mulher e as pautas sobre o feminino são objetos de debates ao longo da história. O Brasil passava por um período ditatorial, com ideologias e pensamentos machistas sobre a mulher, sem contar a censura contra a imprensa. Dentro da realidade da época, o artigo procura entender como o jornalismo brasileiro de 1960 retrata e contribui para a construção da mulher e o seu papel na sociedade. Para isso, foi escolhido como objeto de análise a revista *Realidade* (Editora Abril).

PALAVRAS-CHAVE: *Realidade*, mulher, ditadura civil-militar, padrão.

1 INTRODUÇÃO

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos [...] O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira (GOUGES, 1791).

Em 1791, Olympe de Gouges³ escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã, mas tal fala poderia ser considerada atual mesmo 230 anos depois. A busca incansável pelos direitos da mulher é ainda hoje tema de discussão na sociedade. Sociedade essa que construiu e propagou tais padrões e predefinições sobre as mulheres.

E hoje, em pleno século XXI, busca-se compreender e desconstruir as padronizações feitas pela própria sociedade, mas, para isso, é preciso voltar no tempo e olhar para a sociedade e os costumes de uma época. Para a elaboração do presente artigo, foi analisada a revista *Realidade*, periódico da Editora Abril, que esteve nas bancas durante os dez primeiros anos da ditadura civil-militar (1966-1976). O objetivo do trabalho é entender quais as visões da sociedade sobre o feminino pela maneira como o jornalismo da época retratava a mulher brasileira. Para isso, foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo,

Foram publicadas ao todo 120 edições entre abril de 1966 e março de 1976. Para a análise, foram usadas como recorte a editoria “Mulheres” e também produções publicitárias

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Jornalismo. E-mail: grbquaggio@minha.fag.edu.br

² Professor orientador. E-mail: gsprado@fag.edu.br

³ Olympe de Gouges era o pseudônimo de Marie Gouze, ativista política, dramaturga e pioneira do feminismo. Olympe foi guilhotinada em 1793, considerada “desnaturada” e inapropriada para a época.

que reiteravam o discurso da revista: a mulher “bela, recatada e do lar”, a mulher como objeto de desejo e domínio masculino.

Na primeira parte do artigo, foi utilizada a revisão bibliográfica para contextualizar o surgimento da revista *Realidade* e a sua relevância para a imprensa brasileira. Foi discutida, ainda, a realidade do país com a ditadura civil-militar e o papel da mulher na época. E complementando a primeira etapa, foi abordada a relação entre corpo e poder, como a visão que se tem sobre o corpo é influenciada por diversos fatores, principalmente pelo meio em que se está inserido.

Seguindo para a segunda parte do trabalho, é analisada a revista seguindo as premissas de Rosário *et al.* (2007). Para a análise, foram criadas fichas que continham as seguintes informações: número da edição, mês e ano em que foi publicada e um espaço para descrever se havia ou não conteúdo relacionados à mulher. Para a análise das propagandas publicitárias, foi feita uma pesquisa nas edições que não haviam sido citadas anteriormente, revisando novamente a edição.

Com a análise, foi possível identificar a forma como era retratado o feminino: as pautas eram geralmente ligadas à beleza ou eram ensaios em que grande parte das modelos seguiam padrões estéticos do que era considerado belo para a época, sem contar o machismo escancarado nas publicidades, refletindo os pensamentos da sociedade da época.

Ao final do trabalho, é apresentado o resultado da pesquisa, a análise e a resposta para a seguinte questão: o jornalismo da revista *Realidade* contribui para a construção da visão feminina padronizada?

2 “DITADURA CIVIL-MILITAR”: REVISTA *REALIDADE*, CENSURA E CONTROLE DO CORPO FEMININO

2.1 REVISTA *REALIDADE*: HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS

Ao longo da história, as revistas buscaram informar, entreter e encantar os leitores das mais variadas formas, seja contando histórias inspiradoras ou trazendo reportagens polêmicas e com óticas diferentes daquelas a que normalmente o público estava acostumado. E com a revista *Realidade* não foi diferente.

Realidade foi um periódico lançado pela Editora Abril e que esteve nas bancas nos anos de 1966 a 1976. Durante os dez anos em que foi publicada, *Realidade* buscava inovar e surpreender os leitores. Para Faro (1999, p. 89 *apud* VIEIRA; LEITE, 2014. p. 5), “a revista

procurava dar ao público a dimensão essencial de suas indagações através de uma extraordinária variedade temática [...]. Mas numa pauta nada aleatória, muito menos um universo de situações que não guardavam relação entre si [...]”.

O autor diz ainda que a revista *Realidade* pode ser dividida em três fases ao longo de sua trajetória. Seria a primeira fase de abril de 1966 a 1968; a segunda de janeiro, de 1969 a setembro de 1973; e a terceira fase, de outubro de 1973 a janeiro de 1976. A primeira fase da revista foi considerada o marco na história do jornalismo brasileiro, pois suas reportagens marcantes e inquisitivas batiam de frente com o momento político e social pelo que o país estava passando. “Segundo entendemos, era nessa brecha, por vários traços distintivos com que se destacou no panorama da imprensa brasileira da época [...] e pela abrangência de suas pautas, que a publicação da Abril firmou-se como uma referência histórica” (FARO, 2014, p. 173).

Ainda que a primeira fase da revista tenha se consolidado antes da instauração do AI-5, *Realidade* teve de se manter forte contra os ataques que sofria, ainda mais por se tratar de uma revista “nova” no mercado. Um desses ataques aconteceu em 1967, quando a 10ª edição foi retirada das bancas semanas após sua publicação. E é justamente essa edição que será analisada ao longo deste artigo.

Severiano (2013 *apud* VIEIRA; LEITE, 2014) elucida a fórmula da *Realidade*. Ela versava sobre temas que iam do Nordeste à inflação, desemprego e política, tomando cuidado sobre a forma com que os temas seriam retratados. Também comentava sobre esportes, com o futebol em destaque, mas brigas de galos também poderiam ser tema de pauta; educação e infância com uma visão dedicada ao público feminino, mas cujas matérias acabavam por também serem lidas pelo público masculino. Sem contar as pautas sobre literatura, música, teatro, artes e também os ensaios fotográficos e reportagens. Severiano (2013 *apud* VIEIRA; LEITE, 2014) comenta ainda sobre os textos de humor e perfil que eram encontrados em pelo menos uma edição no mês.

Uma outra característica importante da revista era a busca pela modernidade. Pautas que questionavam, instigavam, adaptando-se ao leitor e ao momento. Barzotto (1998) explica como se deu essa modernização.

Os objetos que circulam nesse tempo estão em constante risco de se tornarem obsoletos, assim como as pessoas que devem se servir deles. Com relação a revista *Realidade*, à medida que as pessoas vão se servindo dela, ela vai rapidamente sofrendo pequenas alterações, perceptíveis ao leitor, até chegar a uma mudança quase que completa. Por fim, no seu décimo ano de existência, acaba saindo de circulação (BARZOTTO, 1998, p. 10).

A revista *Realidade* foi uma das pioneiras do jornalismo literário. Fez e contou histórias ao longo dos seus dez anos de publicação. Foram 120 edições que trouxeram ao leitor brasileiro visões e opiniões diferentes. *Realidade* foi um marco para a imprensa brasileira, e mais um fator que a fez se tornar um objeto de estudo tão rico foi sua crítica à situação política e social em que o Brasil se encontrava: recém-imposta a ditadura civil-militar.

2.2 DITADURA CIVIL-MILITAR: GOLPE, IMPRENSA E CENSURA

“Hoje você é quem manda. Falou, tá falado. Não tem discussão. A minha gente hoje anda, falando de lado e olhando pro chão, viu?”. Chico Buarque expressa resumidamente na letra de sua música *Apesar de Você* (1970) o que foi a ditadura civil-militar. O governo manda, o povo obedece. Era o que eles esperavam que fosse acontecer, porém, mesmo que a voz da liberdade fosse dolorosa, quem escolheu falar pagou e hoje se orgulha de ter pagado.

A ditadura civil-militar teve início em 1964 com um golpe militar contra o presidente João Goulart. O regime contou com apoio de uma parcela da população. Soares (1994, p. 3) explica:

Setores empresariais e políticos apegaram-se ao setor militar partilhando de uma inabalável convicção de que tal aliança era imprescindível para livrar o país da ameaça comunista. Se a presença da esquerda e dos comunistas na vida política nacional não era uma invenção ardilosa dos golpistas, o certo é que foi levada ao paroxismo e serviu de pretexto, em muitos casos, para justificar a caça a inimigos políticos e pessoais (SOARES, 1994, p. 3).

A ditadura perdurou por longos 21 anos, mas neste artigo iremos nos ater aos chamados “Anos de Chumbo” (1967-1969), período em que Costa e Silva governou o país e instaurou o Ato Institucional nº 5, mais conhecido como AI-5. Soares (1994) explica, porém, que, durante os anos da ditadura civil militar, a censura e a liberdade de expressão dos veículos de comunicação tiveram seus altos e baixos. A censura seguia os níveis de autoritarismo do militar em vigência. Soares diz ainda que “a expansão mais acelerada da ação da Censura teve lugar durante o período mais negro por que o País passou: desde o AI-5, em dezembro de 1968, no governo Costa e Silva, até o fim do governo Garrastazu Médici” (SOARES, 1989, p. 1). Entre violência física e a perda de sua voz, o jornalismo e a imprensa brasileira sofreram fortemente nesse período.

Dreifuss (1981), com base na fala de Arlindo Corrêa, explica por que o “correto” seria chamar de ditadura civil-militar e não somente ditadura militar.

Segundo Arlindo Corrêa, o ‘próximo passo será convencer a classe média de que se deverá alcançar a qualquer preço a contenção dos salários dos setores das classes trabalhadoras, infiltrados por comunistas, e igualmente ter-se de identificar a inflação como sua grande inimiga. Finalmente, a classe média deve ser usada como um instrumento de pressão política do mesmo medo e pelo mesmo meio que as classes trabalhadoras: operários, marítimos, portuários, ferro viários etc.’. Para ele, o melhor modo de ‘ganhar partidários para a causa é a conquista individual dos membros da classe média, através de panfletos, propaganda pela mídia e depois, num estágio cronológico mais avançado, por meio de comícios públicos’. Finalmente, ele recomendava que as ‘classes’ a ser inicialmente ‘trabalhadas’ deveriam compreender ‘a dos militares e a dos profissionais liberais em postos públicos’ (DREIFUSS, 1981, p. 292)

E explica ainda sobre a participação da mulher para a consolidação do poder:

A escolha da dona-de-casa da classe média como potencial ponta de lança para o contra-ataque a João Goulart foi de especial importância. Ao fazer tal escolha, o IPES visava diretamente às esposas, irmãs e mães dos militares, profissionais, comerciários e tecnoburocratas [...] A mobilização das mulheres asseguraria parte significativa da Caixa de Ressonância, uma máquina poderosa e de grande alcance. As organizações femininas (geralmente com um corpo masculino de assessores políticos e organizacionais) mostravam-se instrumentais na campanha conduzida pela elite orgânica para infundir o temor à ‘ameaça vermelha’, ao mesmo tempo em que elas eram o seu próprio alvo? No decorrer dos primeiros meses de 1964, as organizações femininas e grupos católicos proporcionaram a mais visível ação cívica contra João Goulart e contra as forças nacional reformistas, especialmente em Minas Gerais, São Paulo e Guanabara (DREIFUSS, 1981, p. 294).

E assim, os militares assumiram o comando, contando com apoio de uma grande parte da população. Partindo para a censura e o AI-5, com a assinatura de Costa e Silva referente ao AI-5, entende-se que a censura e a caçada àqueles que batiam de frente com o período ditatorial começou em abril de 1968. Soares (1989, p. 1) até mesmo cita:

Em favor deles, pode e deve ser argumentado que não houve censura direta e oficial até 1968; porém, outros, com maior justiça, argumentam que quem edita o Ato Institucional n. 1, o AI-2 e o absurdo que foi o AI-5, quem cassa mandatos de deputados eleitos pelo povo brasileiro e decreta o recesso do Congresso institui, com facilidade, a censura.

Ou seja, a partir do momento em que é constituído o Ato Institucional nº 1, a censura pode ser declarada ainda que indiretamente. E é justamente sobre as ações pré-AI-5 que iremos discutir neste artigo, usando como exemplo a retirada da décima edição da revista *Realidade*, ainda em 1967.

2.3 DITADURA MILITAR: O PAPEL DA MULHER E OS COSTUMES

Ao consultar o dicionário, as primeiras definições de mulher são: “ser humano do sexo feminino, dotado de inteligência e linguagem articulada”. Entende-se, então, que a mulher é um indivíduo próprio, com inteligência e pensamentos racionais de um ser humano, porque de fato ela é. Mas, se a mulher é capaz de pensar por si mesma e desempenhar o papel que deseja, por que diversas vezes ao longo da história, e ainda hoje em pleno século XXI, a visão dominante é da mulher como um ser frágil e dependente de uma figura masculina? Para entender melhor a construção desse pensamento, é necessário voltar anos atrás; para a elaboração deste artigo, foi analisado o papel da mulher e seus costumes durante a ditadura civil militar.

Colling (2006) sobre a falta de “participação” da mulher na história diz que a não participação feminina nos espaços públicos, políticos, vem da relação de poder que era exercida sobre a mulher e, ainda, que a história contada sobre o período da ditadura civil militar é uma história contada por homens. Colling (2006) complementa que a mulher que buscava bater de frente com esses pensamentos não era encarada como sujeito histórico, sendo excluída do poder.

Entende-se que o que se conhece da história é a visão masculina da época, porém, a mulher foi peça fundamental para que a ideologia dos militares viesse a calhar. E qual era essa ideologia? Norek (2020, p. 30) explica: “a mulher deveria desempenhar seu papel voltado ao lar e à procriação, de forma a ajudar a construir a família conjugal – sendo mãe e esposa, ao lado da figura de autoridade do marido. A mulher nada mais era, nesse sentido, do que a “rainha do lar”.

A posição da mulher na sociedade é dada muito mais pela construção social feita por ela do que por sua condição biológica. Colling (2006) diz: “falar em gênero em vez de falar em sexo, indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política”. E deve-se levar em consideração que, ao longo do tempo, essa construção teve tamanha força que as próprias mulheres passaram a acreditar nessa ideologia.

Um exemplo claro de como a mulher teve um papel importante na construção e instauração do poder autoritário foram as “Marchas da Família, com Deus pela Liberdade”, que Setemy (2017), em seu texto “Vigilantes da moral e dos bons costumes: condições sociais e culturais para a estruturação política da censura durante a ditadura militar”, explica que foram as marchas organizadas pela igreja e também por grupos de mulheres de classe média que buscavam zelar pela “moral e bons costumes”.

Essas mesmas mulheres, as chamadas marchadeiras, deram continuidade à sua cruzada em defesa da moral e dos bons costumes, tendo em mente salvar a sociedade brasileira dos abusos introduzidos pelas novelas, filmes, músicas e publicações, que aumentavam em número a cada dia, devido ao crescimento vertiginoso da indústria de bens culturais e ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa (SETEMY, 2017, p. 177).

A ideia por trás das marchas comprova o poder dos veículos de comunicação na sociedade, ou seja, todo o pensamento que confrontava a dita “moral” era de alguma forma abolido, seja diretamente pela censura do governo ou pela população que compartilhava da ideologia. O que se deve colocar em pauta não é sobre a mulher dona de casa que exerce o papel de mãe, esposa, e que está de acordo com isso, mas a imposição desse papel de forma obrigatória a todas, declarando que aquelas que ‘desviam’ desse papel eram ditas como “Putas Terroristas” (NOREK, 2019, p.33). A autora discorre ainda sobre o pensamento:

Essa construção da mulher como “pecadora” por ter se envolvido num campo antes só dominado por homens e que, aos olhos da repressão deveria ser só dominado por homens que tinham um certo tipo de mentalidade, acabou levando também a um aprofundamento do olhar dicotômico que eles tinham pelas mulheres (NOREK, 2019, p. 33).

Compreende-se então que o papel da mulher para a época deveria ser a famosa “bela, recatada e do lar”, aquela que aceita sem questionar a sua importância como pessoa e cidadã.

2.4 CORPO, CONTROLE E PODER

Ao longo da história, diversos autores buscaram estudar e compreender a definição de gênero, entretanto, durante esse processo, perceberam que, quanto mais o tempo passa, mais atribuições a palavra “gênero” ganha.

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados (SCOTT, 1995, p. 3).

Compreende-se, então, que “gênero designa, segundo o senso comum, qualquer categoria, classe, grupo ou família que apresente determinadas características comuns” (PRAUN, 2011, p. 56). Uma grande discussão em torno do conceito de gênero é se está ligado a questões biológicas, como se o gênero fosse designado a partir dos sexos feminino e masculino. Stoller (1993 *apud* PRAUN, p. 56. 2011) procurou provar que “as características de gênero não são garantidas pela biologia, uma vez que muitos sujeitos apresentam

características femininas ou masculinas em dissonância com sua anatomia” com isso leva-se a entender que a diferenciação entre sexo e gênero está ligada à construção social em torno.

Ainda levando-se em consideração a construção social sobre determinado gênero, chega-se à idealização da sociedade em torno da mulher, do que é ser feminino e das atribuições dadas a elas. O primeiro ponto a ser abordado é sobre o corpo perfeito, o corpo feminino, com curvas nos lugares “certos” e sem manchas. Exemplos simples apenas para contextualizar de maneira clara: quando se agrega a perfeição, uma padronização de corpos, o ser humano e, especificamente a mulher, dada a sua importância neste artigo, passa a idealizar para si uma visão construída pelo outro.

Rodrigues (2003, p. 112), com base nos estudos de Foucault, explica: “o corpo terá diferentes valores, dependendo de quem o olha e do lugar de onde ele é olhado. O corpo não tem um valor em si mesmo, mas um valor dependente do lugar que ele ocupa”. Ou seja, a visão que o ser humano tem do próprio corpo nada mais é do que um reflexo do meio onde está inserido.

Podemos concluir que o ser humano só pode ter uma ‘interpretação’ acerca de si mesmo. Mesmo diante do próprio corpo, o sujeito terá seu ‘olhar’ inevitavelmente marcado pelo imaginário cultural, pelas crenças, pelos instrumentos científicos e pelo conhecimento ‘oficial’ (RODRIGUES, 2003. p. 111).

Atrelado à construção social em cima do corpo, da maneira como é visto, mais um ponto deve ser observado: o controle e poder. Foucault (1987) explica que, ao longo dos séculos, o corpo se tornou “dócil”, o que isso quer dizer? Que o corpo se tornou manipulável, adestrável e, com isso, submisso ao poder.

Dessa forma, a construção da visão que o ser humano tem do próprio corpo, que já era construída a partir da sociedade, carrega ainda o controle de forma a servir um determinado poder, determinado objetivo.

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 1987, p. 164).

Trazendo para a construção da mulher, leva-se a entender que os padrões ditos como ideias são nada mais nada menos do que uma forma de controle e poder. Uma forma de fazer com que “todas” as mulheres se dediquem a um mesmo objetivo, que, para a década de 60,

seria de mãe, de esposa obediente e dedicada e também sobre seus corpos como objeto de desejo masculino.

2.5 ESCRITA, LEITURA E ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para o estudo científico de um determinado objeto, existem diversos tipos de abordagem, como o uso da semiótica, revisão bibliográfica entre outros, porém o modelo escolhido para elaboração do presente trabalho foi a análise de conteúdo.

Segundo Moraes (1999, p. 2), análise de conteúdo:

Como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação.

Moraes (1999, p. 2) diz ainda que “de certo modo a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação”. Ou seja, a análise de conteúdo é um processo que facilita a compreensão e elaboração científica, porém, ela tende a se adaptar a necessidades, pensamentos e forma de trabalho do pesquisador.

Cruz e Peixoto (2007) elaboraram um modelo de análise de conteúdo que norteou o processo de categorização das edições de revistas apresentadas ao longo do artigo. O modelo consiste em duas etapas, que seriam elas:

- Identificação do Periódico
- Projeto Gráfico/Editorial

Sobre os tópicos acima, as autoras explicam que o primeiro passo seria a Identificação do Periódico, que seria:

É preciso organizar minimamente o trabalho e identificar o periódico, o que implica em anotar seu título, subtítulo, datas limites de publicação, periodicidade e a classificação de acesso na instituição ou acervo em que se desenvolve a pesquisa (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 261).

Já o que diz respeito ao Projeto Gráfico/Editorial, Cruz e Peixoto (2007) apresentam a seguinte ideia:

A análise do projeto gráfico volta-se para a organização e distribuição de conteúdos nas diversas partes e seções no interior do periódico como, por exemplo, a localização e extensão que ocupam, as funções editoriais a elas atribuídas e por elas desempenhadas, seus modos de articulação e expressão (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 262).

Dado o modelo de análise de conteúdo, a escolha se justifica por facilitar a organização das edições da revista *Realidade* ao longo dos dez anos de publicação, de forma a agilizar o processo de análise.

3 REVISTA REALIDADE: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO JORNALISMO DURANTE A DÉCADA DE 1960

A revista *Realidade* esteve presente nas bancas de todo o Brasil durante dez anos (1966-1976), foram 120 edições que trouxeram aos leitores da época visões e construções sobre a sociedade. Para a análise, será observada a posição da revista *Realidade* a respeito da mulher durante os anos de ditadura civil-militar.

A primeira edição levada às bancas em abril de 1966, tinha uma editoria chamada “Mulher”. Para a seguinte análise, observamos as pautas abordadas dentro dessa editoria. Ainda nessa primeira edição, encontramos um ensaio fotográfico chamado “ENSAIO EM CÔR MULATA” (REALIDADE, 1966, p. 94). O fotógrafo Walter Firmo descreve logo de início: “Prêto mais branco - em qualquer proporção - dá mulher bonita”. O ensaio é inspirado no texto de Vinicius de Moraes e contou com a participação de dois convidados, para complementar a visão sobre a mulata.

“Tudo nela é natural e com jeito de agrado
Uma bela mulata é como uma flor
aberta a tôdas as carícias do vento.
Para ela o amor é um ato tão natural...”
(MORAES para REALIDADE, 1966, p. 95)

De forma poética, Vinicius de Moraes descreve a mulata, porém mais adiante é apresentada a descrição do humorista Sérgio Pôrto e do cronista social Ibrahim Sued. Ambos utilizam em suas descrições a mulata como um produto:

“A mulata é um prazer de ver. Até caminhando,
com aquêlo passinho que a garota de Ipanema,

por mais de Ipanema que seja,
 não consegue ser igual.
 E quando o poeta cantou o caminhar da garôta
 devia ter cantado antes, por um dever de justiça,
 o caminhar da mulata que, na sua ginga,
 já leva meio samba.
 Em batucada, mulata é fogo, fica pairando no ar,
 numa levitação que só o samba tem poder de criar,
 especialmente para ela.
 Ê por essas coisas (e muitas outras que prefiro não citar)
 que a mulata é o primeiro produto híbrido
 a ter grande aceitação popular.
 (PÔRTO para REALIDADE, 1966, p. 96)

Ibrahim Sued finaliza o ensaio com a seguinte declaração:

“Tenho notado uma ausência no society: a mulata.
 Vocês já imaginaram uma Carmem Níayrink Veiga mulata?
 Seria produto de exportação, reclamado pelo mundo inteiro.
 Com minha longa experiência de viajante
 internacional, pude observar que
 nenhuma mistura de raças foi mais bem dosada
 do que a que deu origem
 à mulata brasileira.
 E isso devemos aos nossos irmãos portugueses
 mentores intelectuais e físicos
 dêsse fabuloso invento
 que vem sendo assunto de profundos
 estudos etnológicos.”
 (SUED para REALIDADE, 1966, p. 97)

Observa-se através dessas descrições que, embora a intenção seja valorizar a beleza e os encantos da mulata, é notável a idealização da mulata como um objeto, como um produto português, uma invenção que agrada aos olhos. Vale observar também que todas as declarações foram feitas por homens, uma visão masculina sobre a mulher.

Seguindo a análise, na terceira edição da revista, junho/1966, ainda na editoria “Mulher”, é apresentado mais um ensaio fotográfico inspirado na poesia de Vinicius de Moraes, e mais uma vez é perceptível a construção de uma imagem de mulher ideal, com corpo esteticamente considerado belo. O ensaio feito por Otto Stupakoff traz ao leitor a personificação do poema “RECEITA DE MULHER”, que diz o seguinte:

“As muito feias que me perdoem.
Mas beleza é fundamental. [...]
No olhar dos homens. É preciso, absolutamente preciso
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas
pálpebras cerradas
Lembrem um verso de Eluard e que se acaricie nuns braços
Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como ao âmbar de uma tarde.
(MORAES, 1966, p. 75)

Juntamente com os versos do poema, as fotografias explicitam através de uma modelo os ideais descritos no texto.

“[...] Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um
templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma
nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos
então
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente [...]
(MORAES, 1966, p. 77)

O corpo ideal, o comportamento ideal. É de fácil compreensão que em ambos os ensaios quando se trata de mulher os temas abordados são os mesmos. O que leva à mesma consideração anteriormente citada, a mulher como um objeto de desejo masculino.

Partindo para a 5ª edição, agosto 1966, a pauta para a editoria feminina aborda o seguinte tema: “Pobre menina Miss — Quando as mocinhas bonitas jogam seus sonhos na passarela dos concursos há, invariavelmente, muito mais lágrimas do que risos”. O texto é de José Carlos Marão. A reportagem traz ao leitor os bastidores do concurso Miss Brasil e a realidade das moças que sonhavam em conquistar o título.

Na nona edição, encontramos mais um ensaio fotográfico seguindo as mesmas perspectivas das edições anteriores, a mulher representando um poema. A representação da beleza feminina idealizada por um homem e fotografada por outro.

É somente na décima edição da revista, em janeiro de 1967, que encontramos pautas que realmente abordam a vida da mulher brasileira. A edição carregava seu título como “Edição Especial: A mulher brasileira, hoje” e foi tirada de circulação na mesma semana em que foi para as bancas⁴. A acusação da justiça era que algumas reportagens eram obscenas e ofensivas à honra da mulher. Segue o índice da revista:

CAPA	A foto de George Love – uma mulher colocada sob a lente de aumento – sintetiza o espírito desta edição especial: mostrar como é a mulher brasileira.
PESQUISA	O que pensam nossas mulheres – Para saber isso, uma equipe de 10 pesquisadores percorreu o Brasil inteiro, em 40 dias, fazendo 1.200 entrevistas.
POLÊMICA	A indiscutível, nunca proclamada (e terrível) superioridade natural da mulher – E a história que o homem levantou, para poder provar o contrário.
CIÊNCIA	Ela é assim – Por que uma mulher é uma mulher? O que a faz diferente dos homens? Oito páginas a cores mostrando os mistérios de um corpo da mulher.
ENSAIO	O amor mais amor – A equipe de fotógrafos que trabalham para a revista foi para as ruas e trouxe o ensaio fotográfico do mês: como é o amor materno.
RELIGIÃO	A bênção, sá vigária – Hoje, em tôdas as horas, brasileiros estão aprendendo que também as freiras podem cuidar da salvação das almas.
GENTE	Nasceu! – Dona Odila vive numa cidade do Rio Grande do Sul. E há uma palavra mágica que muita gente já ouviu de sua boca. Dona Odila é parteira.
DOCUMENTO	Esta mulher é livre – Ela é uma jovem artista de 24 anos, que não tem medo de dizer a verdade sobre sexo. Talvez seja a Ingrid Thulin nacional.
PSICOLOGIA	Consultório sentimental – Aqui se conta o drama à ilusão e o desengano das que vivem esperando que lhes caia do céu uma saída para suas vidas.

⁴ Disponível em: <https://riscafaca.com.br/historia/belas-censuradas-e-do-lar/>. Acesso em: 10 out. 2021.

PERFIL	Minha gente é de santo – Olga Francisca Régis, tem 41 anos e 66 filhos, dos quais apenas oito são de seu próprio sangue. Olga é mãe-de-santo.
PROBLEMA	Três histórias de desquite - Uma vive como virgem. Outra sozinha com a filha de 19 anos. A terceira casou de nôvo, desafiando a constituição do país.
ECONOMIA	Dona Berta, e diretor – Começou aos 26 anos, com uma maquininha. Hoje, tem uma indústria próspera, eficiente, moderna. E é o senhor patrão.
DEPOIMENTO	Sou mãe solteira e me orgulho disso – Quem afirma é uma môça carioca, de muita coragem. Ela tem apenas 20 anos, estuda Direito e sabe bem o que quer.

A polêmica em torno dessa edição comprova a visão que a sociedade da época tinha sobre a mulher, a famosa bela, recatada e do lar. A revista, por se tratar de um veículo de comunicação popular para a época, apresentava aos leitores temas que faziam parte da realidade de muita gente, porém era “abafado” para que a dita moral e bons costumes permanecesse intacta, afirmando ainda mais o poder da ditadura civil militar.

Outro ponto importante para análise é que a retirada da décima edição da revista *Realidade* aconteceu em janeiro de 1967, e a assinatura do Ato Institucional 5 (AI-5) só aconteceu em dezembro de 1968. Normalmente, consideramos a censura contra a imprensa somente depois de 1968, quando na verdade a partir do primeiro ano de ditadura já era possível observar situações como a que aconteceu com a *Realidade*.

Ainda na décima edição, podemos encontrar certa contradição com a pauta “feminista” que estava sendo pregada. As publicidades estampadas na edição expõem a visão masculina que reforçaria mais uma vez a análise. A seguir, uma propaganda que foi encontrada na edição.

E novamente nas propagandas publicitárias, seguia-se a mesma linha de “ideologia”, mulher como objeto de desejo masculino. A imagem a seguir é uma propaganda de roupas, capa de chuva, da marca Rhodianyl Helanca, encontrada na 16ª edição, julho de 1967.

Figura 2: Na imagem, um casal, esteticamente dentro dos padrões, em que ambos são brancos, magros e representam ser de classe média/alta (REALIDADE, 1967, 16ª edição, p. 129).



Complementando o fato de ambos serem dentro dos padrões estéticos, o texto exprime fortemente um discurso machista, em que a mulher está explicando as vantagens de usar a capa de chuva e o homem diz o seguinte: “ – Bonitinha assim, nem precisava ser tão inteligente”, reforçando novamente a ideia de que o que importa é a beleza.

Continuando a análise, na 19ª edição, outubro de 1967, encontramos novamente pauta sobre beleza, mais uma vez na editoria “Ensaio”, intitulada como “O que é mulher bonita?” (1967, p. 92). O material apresenta ao leitor um ensaio fotográfico feito por cinco fotógrafos

que procuraram retratar, através da fotografia, as descrições de beleza de diferentes pessoas, diferentes homens. Ainda na introdução do ensaio, diz-se:

Enfim, alta ou baixa, loura ou morena, magra ou rechonchuda, a verdade é que, segundo uma pesquisa americana, 72% dos homens se impressionam mesmo é com o aspecto físico das mulheres. E, como se trata de questão muito particular, é quase impossível encontrar duas opiniões iguais. Aí estão alguns exemplos disso: um tipógrafo, um motorista, um agricultor, um garçom, um compositor e um ex-presidente da República — cada um tem o seu tipo de mulher bonita, interpretado por cinco fotógrafos de REALIDADE (REALIDADE, 1967, p. 92).

As definições foram feitas por homens de diferentes profissões:

Para mim, só um pintor conseguiu retratar a beleza feminina ideal: Renoir, com suas mulheres claras e rechonchudas.

Luís Carlos Paraná, 34 anos, compositor.

Moça bonita é flor. Pode ser violeta, rosa, margarida, mas tem que ser prestimosa e muito quieta. E aparecer na hora certa, de tarde, quando eu saio do trabalho e tudo fica lindo.

Belmiro Celestino, 45 anos, chacareiro.

Ela tem que ter simpatia, não pode ter tristeza. E, quando a gente olha para ela, é bom ver um sorriso de olho preto, a saia rodando, como se fosse dançar um samba.

Nélson Sabino de Andrade, 21 anos, garçom.

Mulher que é bonita fica bem em qualquer lugar. Eu conheci uma assim, quando tinha 18 anos e morava no Paraná. Era loira, tinha olho verde. Se eu mandasse alguma coisa, mulher loira morria aos 20 anos. Depois dessa idade vai fenecendo.

Alessandro Urbani, 36 anos, motorista de táxi.

O que é uma mulher bonita? Pode ser um pôr de sol, ou o mar fervendo e bramindo nas rochas. Ou olhos surpresos, com ingenuidade de santa ou malícia de demônio.

Jânio Quadros, 50 anos, professor de português e ex-presidente da República.

Mulher bonita? Ah, tem que ser japonesa! Ela tem cabelos lisos, os olhos meigos e é muito amorosa.

Adauro Serapião de Oliveira, 25 anos, linotipista (REALIDADE, 1967, p. 98).

Por mais que, em algumas edições, a revista pregue uma visão feminista, com pautas que trariam ao leitor uma forma de pensar diferente, ainda a grande maioria das produções sobre a mulher é voltada para beleza. Pautas voltadas à idealização masculina sobre a mulher. Outros exemplos são as diversas propagandas que estampavam as páginas da Realidade.

A imagem a seguir foi retirada da 34ª edição, janeiro de 1969.

Figura 3: Corpo masculino em primeiro plano, com uma mulher branca, magra e dentro dos padrões estéticos em tamanho menor, observando as “pernas/calças” do homem (REALIDADE, 1969, 34ª edição, p. 46)



Além da representação do homem em primeiro plano e a mulher em segundo, a frase de impacto e o texto que segue dizem: “Como elas caem!”, “Ambas caem bem: a calça e ela. É natural. Porque UNITEX resultou da experiência de artistas e técnicos empenhados em criar uma calça jovem, que fôsse elegante, resistente e confortável em todos os sentidos (e em todos os tecidos). Por isso, UNITEX cai bem. E faz cair”.

É perceptível a ambiguidade que o texto apresenta, em que notoriamente o objetivo ao comprar a calça seria fazer as mulheres ficarem “caidinhas” por ele e ainda, observando a imagem, é notável o olhar malicioso, de cobiça, que a modelo direciona à calça, tornando a propaganda ainda mais sexualizada.

Um fato que foi observado ao longo da análise é a permanência do mesmo discurso, tanto nas produções jornalísticas quanto nas propagandas publicitárias, mantendo-se também

ao longo dos dez anos da revista. E mais um exemplo é a propaganda da vodka Smirnoff, na 56ª edição, de novembro de 1970.

Figura 4: Na imagem, uma mulher branca, loira, com grande decote segurando uma bandeira com o símbolo da marca (REALIDADE, 1970, 56ª edição, p. 90)



Nesse caso, temos mais uma vez a mulher padrão, tendo o corpo sexualizado em relação à bebida alcoólica. O texto diz: “Smirnoff - estimulante, deliciosa, perfuma o hálito”. Ainda que o texto não cite diretamente a mulher, a imagem está ligada à bebida, de maneira que deixa ao leitor as possíveis compreensões, sendo uma delas a de que a bebida seria tão “deliciosa” quanto a modelo exibida na página. Outra análise feita sob a imagem é associação do título “Coexistência Pacífica”: a bebida alcoólica e a mulher. O termo *Coexistência Pacífica* ficou conhecido em 1957 quando o governo da Rússia e dos Estados Unidos firmaram um acordo de “paz, trégua” entre os conflitos que enfrentavam. O termo pode ser associado ao fato de, ao embriagar uma mulher, ela estaria “pacificamente” aceitando ficar

com o homem. Indicando, de certa forma, indiretamente, o discurso da mulher como objeto de desejo masculino.

Ao observar as edições, passam-se meses sem que encontremos conteúdos ligados diretamente à mulher. E quando encontrados, são em grande maioria, como dito anteriormente, sobre padrões de beleza, concluindo assim a análise da revista *Realidade* e o seu discurso sobre a mulher brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho era analisar a maneira como a mulher era retratada pelo jornalismo na década de 60, usando como recorte a revista *Realidade*. Como resultado da análise, foi concluído que, embora os temas abordados sejam sobre a mulher, a revista, as declarações e propagandas foram feitas por homens e para homens.

Ainda que a visão da época fosse a mulher “bela, recatada e do lar”, em análise é possível perceber o discurso sobre a beleza e comportamentos femininos, porém, sobre a ótica masculina, sobre o que o homem considerava belo e correto. Prova disso é que a única edição que abordava assuntos importantes para as leitoras, como o divórcio, o corpo feminino e até mesmo religião, foi retirada de circulação, pois não era o conteúdo que os homens gostariam de ler. Junto a isso, é importante entender que a revista é um produto comercial, que precisa ser vendida, dessa forma a aceitação e a opinião do “consumidor/leitor” ditava, em partes, o teor da revista.

Como o objeto escolhido esteve presente nas bancas há mais de 50 anos, foi necessário um resgate histórico estruturado, buscando contextualizar de forma clara os percalços da época, para isso, a literatura foi peça fundamental no desenvolvimento do trabalho.

Ao escolher trabalhar com um periódico, a grande quantidade de material acabou por não receber a atenção necessária para uma análise mais aprofundada, levando em consideração o tempo para a elaboração da pesquisa e escrita do artigo. Nesse caso, não foi possível analisar criteriosamente todos os periódicos ao longo dos dez anos, sendo feito um filtro com a editoria “Mulheres” e também algumas propagandas publicitárias. Com a delimitação da editoria, não foi possível analisar com precisão as reportagens de outras editorias que, mesmo em menor quantidade, ainda trabalhavam pautas sobre a saúde feminina, por exemplo. Outro aspecto que não foi possível acrescentar ao artigo, por conta da falta de

tempo, foi uma análise comparativa com outros periódicos da época, trazendo outras visões ou até mesmo complementando a ideologia da época.

Finalmente, depois de toda a análise e pesquisa, chegamos à resposta para a questão apresentada no início do trabalho: o jornalismo da revista *Realidade* contribui para a construção da visão feminina padronizada?

Sim, o jornalismo da *Realidade* direta ou indiretamente contribui para a construção de um padrão feminino, seja pelas pautas ou pelas modelos utilizadas em suas páginas e propagandas. Mas é de grande importância entender que a construção desse tal padrão, embora seja a respeito das mulheres, foi feita pelo homem, por meio das declarações ou dos ensaios fotográficos, a opinião masculina era o que ditava o belo, o ideal.

Realidade é apresentada por autores como um marco no jornalismo da época, um divisor de águas na imprensa e de fato foi, mas, quando o tema foi a mulher, eles seguiam a idealização da época. Ainda que em suas páginas contivesse imagens e textos “explícitos” para um período de censura, o conteúdo em si não fugia da realidade.

REFERÊNCIAS

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso: um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976).** 1998. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270820>. Acesso em: 06 out. 2021.

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a ditadura militar. **História em Revista**, v. 4, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/11605>. Acesso em: 03 out. 2021.

CRUZ, Heloisa; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>. Acesso em: 10 out. 2021.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado**, Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Petrópolis, Vozes, 1981. Disponível em: [https://gtedb.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/02/DREIFUSS,%20Ren%C3%A9%20Armand_1964%20-%20A%20conquista%20do%20Estado.%20A%20C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtica,%20poder%20e%20golpe%20de%20classe%20\(pesquis%C3%A1vel\)_compressed-compactado.pdf](https://gtedb.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/02/DREIFUSS,%20Ren%C3%A9%20Armand_1964%20-%20A%20conquista%20do%20Estado.%20A%20C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtica,%20poder%20e%20golpe%20de%20classe%20(pesquis%C3%A1vel)_compressed-compactado.pdf)

GOUGES, Olympe. Declaração dos direitos das mulheres e cidadãs. França, 1791. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>

FARO, José Salvador. A revista Realidade nos anos da mobilização democrática: reportagem e Estado autoritário. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-924.2014v11n1p168/27287>. Acesso em: 15 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, _____ 1999. Disponível em: <http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/60815562/Analise%20de%20conte%C3%BAdo.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

NOREK, Ayssa Yamaguti. “Mulheres do Brasil” ou terroristas?: as muitas representações da mulher durante a Ditadura Militar (1964-1985). **Revista Em Perspectiva**, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 26-40, 2020.

PRAUN, Andréa Gonçalves. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**, p. _____ 55- _____ 65, _____ 2011. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641/1302>

RODRIGUES, Sérgio Murilo. A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. **Psicologia em Revista**, v. 9, n. 13, 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/168>. Acesso em: 14 out. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e realidade**, v. 20, n. 2 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

SETEMY, Adrianna Cristina Lopes. Vigilantes da moral e dos bons costumes: condições sociais e culturais para a estruturação política da censura durante a ditadura militar. **Topoi**, v. 19, n. 37, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/hphSyQc6TDYyWFbJ5gkVMWD/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2021.

SOARES, Gláucio Ary Dylon. Censura durante o regime autoritário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, _____ 1989. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/10/rbcs10_02.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

SOARES, Gláucio Ary Dylon. **21 anos de regime militar**: balanços e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1994.

VIEIRA, Leylianne Alves. A experiência da reportagem na Revista Realidade. **Revista Anagrama**, v. 8, n. 2, p. 2-13, 2014. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/82359/85326>. Acesso em: 13 out. 2021.